



Cursinho popular Tecendo Sonhos: Agroecologia para a emancipação social, emancipação social para a Agroecologia

Ramon da Silva Teixeira¹
Leandro de Souza Lopes²
Paulo César Gomes Amorim Junior³
Ana Terra Bravim dos Santos⁴

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa;
ramonsteixeira@hotmail.com

² Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa;
leandrodesouzalopes@hotmail.com

³ Graduando em Cooperativismo pela Universidade Federal de Viçosa.

⁴ Graduanda em Agronomia pela Universidade Federal de Viçosa.

RESUMO

Desde 2008, acontece, em Espera Feliz-MG, o Cursinho Pré-Vestibular — hoje pré-Enem — de Educação Popular do Campo, mais conhecido como *Tecendo Sonhos*. Tal experiência surgiu a partir da problemática de como motivar a permanência no meio rural, fazendo um movimento contrário à tendência de evasão verificada na juventude do campo hoje, ao mesmo tempo que buscava, minimamente, corrigir os preocupantes dados referentes ao nível educacional da população jovem, sobretudo a rural. Constituiu-se um espaço que, incorporando o caráter humano da Agroecologia (cumprindo os ditames da sustentabilidade ecológica [manutenção ou melhoria da qualidade dos recursos naturais e das relações ecológicas de cada ecossistema], econômica [potencial de geração de renda e de trabalho, acesso ao mercado], social [inclusão das populações mais pobres e segurança alimentar], cultural [respeito às culturas tradicionais], política [organização para a mudança e participação nas decisões] e ética [valores morais transcendentais]), tem muito a contribuir com o debate sobre a educação em Agroecologia. Nesse artigo, procuraremos refletir sobre de que forma a referida experiência se consolida como tal.

Palavras-chave: Espera Feliz; Educação popular; Emancipação social; Agroecologia.

Introdução

A partir da década de 1990, intensificam-se os impactos causados pelo modelo de desenvolvimento econômico do campo, que acentuam as desigualdades sociais em escala regional e nacional. A tecnificação e a ampliação das monoculturas



agroexportadoras afetaram diretamente a organização socioespacial do campo, tencionando as relações entre este e a cidade. Para os que tinham condições de se manter no campo, restou-lhes lutar para permanecer em suas propriedades, já que o governo marginalizava a agricultura familiar, priorizando a agricultura que atende às expectativas do agronegócio. Além de marginalizad@s¹ pelo governo, @s agricultor@s familiares eram e ainda são estereotipad@s pela sociedade como frac@s e atrasad@s.

Apesar disso, @s agricultor@s familiares, pequen@s proprietári@s e expropriad@s têm resistido fortemente, buscando formas de organização para se manter no campo. Ainda encontram diversas dificuldades, haja vista que as representações sobre o campo são produzidas a partir da lógica da cidade. E, em se tratando de educação e acesso ao Ensino Superior — um direito d@s trabalhador@s rurais —, essa lógica, que há muito persiste, gera exclusões: quem se encontra fora dos parâmetros estabelecidos não se vê contemplad@, porque

[...] os vestibulares estão baseados no que os cursinhos caros fornecem para quem pode pagar. Esse vestibular é desonesto, ele não pode se basear no que os cursinhos caros oferecem, **têm que se basear em outros saberes** (PEREIRA *et. al.*, 2010, p. 86, grifo nosso).

Dessa forma, um projeto de educação que contribua para a realidade do campo torna-se cada vez mais fundamental para a construção de conhecimentos que tenham lugar nos saberes do espaço rural, que valorizem as perspectivas do campo em diálogo com os saberes do espaço urbano. No fortalecimento dessa comunicação, estão incluídos projetos e programas de extensão universitária que, por meio da troca e da valorização dos diferentes saberes, objetivam construir de algum modo a transformação da realidade de exclusão e exploração de muitos brasileiros.

Nesse sentido,

Para Boaventura Santos (2005) um dos principais passos a ser dado pelas universidades no século XXI seria a universalidade, ou seja, a garantia do acesso da população comum aos conhecimentos universitários, com o devido reconhecimento de seus próprios saberes. Para tanto, o conhecimento produzido pela universidade deveria ser democratizado tanto no desenvolvimento de parcerias entre universidade e a escola pública no domínio pedagógico e científico como no ingresso e permanência de ingressantes de classes trabalhadoras e de grupos que sofrem discriminações raciais, étnicas e socioeconômicas. (SANTOS *apud* LOURES *et. al.*, 2011, p. 10).

¹ Utilizaremos o símbolo arroba (@) para designar o que é comum aos dois gêneros. Isso se dá em função de evitar possíveis posturas discriminatórias com relação ao feminino, além de denunciar o universalismo abstrato.



Contexto

O município de Espera Feliz-MG está situado na Mesorregião da Mata e Rio Doce e na Microrregião da Vertente Ocidental do Caparaó. Com área de 325 km², limita-se ao norte pelos municípios de Alto Caparaó e Caparaó, ao sul pelos de Carangola e Caiana, a leste pelos de Dolores do Rio Preto-ES e a oeste pelo de Divino. Em Espera Feliz, a população rural compreende aproximadamente 45% do total de habitantes, ou seja, 21 mil habitantes, segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano. Entre a população rural, a maioria é de agricultor@s familiares, tendo uma participação importante na economia do município. No período de 1991–2000, a população de Espera Feliz teve uma taxa média de crescimento anual de 0,57%, passando de 19.543, em 1991, para 20.528, em 2000. No mesmo período, a taxa de urbanização cresceu 34,80%, passando de 40,69%, em 1991, para 54,86%, em 2000.

O nível educacional da população jovem entre 15 e 17 anos do município variou de 27,5%, em 1991, para 44,3%, em 2000, frequentando a escola. Analisando a faixa etária de 18 a 24 anos, confere-se que, em 1991, 87,8% dos jovens apresentavam menos de 8 anos de estudo, diminuindo para 66,7%, em 2000, segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil. Esses indicadores, apesar de demonstrarem uma melhora no período entre 1991 e 2000, ainda são preocupantes e insatisfatórios.

Tendo em vista esses dados referentes à escolaridade dos jovens e ao êxodo rural, desde 2008 vem sendo realizado como solução viável para o problema o Cursinho Pré-Enem — antes, Pré-Vestibular — de Educação Popular do Campo em Espera Feliz, conhecido como *Tecendo Sonhos*, projeto de extensão do Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (Pibex) da Universidade Federal de Viçosa (UFV). É um trabalho desenvolvido junto com o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais na Agricultura Familiar (Sintraf) do município supramencionado em parceria com os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Caiana-MG e Caparaó-MG; o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata mineira (CTA-ZM); o Programa de Extensão Universitária Teia²; a UFV (Pibex); a Associação Intermunicipal Naturalista dos

² O Programa Teia/UFV, em ação desde 2005, se propõe a gerar interação entre projetos de extensão a partir da utilização de ações integradoras e de intensa participação popular. Com foco na necessária interligação extensão-ensino-pesquisa, procura a investigação-ação e a interdisciplinaridade através de metodologias participativas e densa dialogicidade. Assim, se fortalecem os vínculos entre universidade e sociedade propiciadores de uma ecologia de saberes que se diferencia dos clássicos difusionismo, assistencialismo e mera prestação de serviços. O Teia se organiza a partir de Coletivos de Criação organizativos e temáticos (Agroecologia, Saúde, Tecnologias Sociais, Economia Popular Solidária,



Terapeutas Populares de Espera Feliz (Teravida); a Pastoral da Juventude Rural (PJR); e a Cooperativa de Produção da Agricultura Familiar Solidária de Espera Feliz (Coofeliz). Para tanto, há ainda o envolvimento de educador@s da região, estudantes da UFV que participam de projetos de extensão e estudantes filh@s de agricultor@s familiares vinculad@s ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR).

O Tecendo Sonhos constitui-se um pré-vestibular — hoje, um pré-Enem — em alternância³ que visa facilitar o acesso de jovens do meio rural à universidade pública (SANTOS, 2005), bem como sua formação integral, buscando, através de ações entrelaçadas num processo de troca de conhecimentos, trabalhar conteúdos referentes ao vestibular a partir de elementos inerentes ao contexto no qual estão inserid@s (FREIRE, 1983).

Tecendo Sonhos e Agroecologia: organização para a mudança, participação nas decisões e a questão da emancipação

O que tem a ver tal projeto com a Agroecologia⁴? Mais especificamente, em se tratando de metodologias de educação em Agroecologia, o que essa iniciativa pode ensinar? Enfim, pretende-se fazer eco às perguntas da 3ª Convocatória para este *I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia – Construindo Princípios e Diretrizes*, presentes no tema dois: “Quais os princípios metodológicos gerais que orientam o fazer cotidiano da experiência? O que a experiência compreende por metodologia do ensino em Agroecologia? Quais princípios, valores e fundamentos orientam a prática pedagógica da experiência? Que métodos, técnicas, atividades, recursos pedagógicos são priorizados no cotidiano da experiência? Como a construção do conhecimento está presente na metodologia utilizada pela experiência?” (ABA-Agroecologia, 2013).

Como cursinho popular que é, todo o trabalho desenvolvido no Tecendo Sonhos acontece, como analisa Pereira (2010, p. 88), “[...] por meio de um ‘duplo movimento’, onde a preparação para o vestibular acontece junto com discussões críticas sobre a realidade social e, até mesmo, sobre o próprio processo seletivo do vestibular”. O projeto visa

Educação e Comunicação Populares, Gestão e Sistematização). Esses coletivos, a partir da interação e demandas dos projetos envolvidos, promovem ações com base em excursões pedagógicas, avaliação e planejamento comuns (LOURES, 2011).

³ Os encontros na comunidade acontecem mensalmente, no que se convencionou chamar de *módulos*, e contam com aulas de (quase) todas as disciplinas do ensino básico.

⁴ Como lógica de manejo, a Agroecologia é disseminada através da pedagogia de trabalho e ação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (Sintraf) e está marcadamente presente no município.



justamente desenvolver metodologias que mobilizem meios e instrumentos para que o processo educativo seja realizado na relação educador@-educand@-comunidade, e o saber que emana dos territórios deve ser (re)valorizado na construção dos conhecimentos na universidade e na sociedade em geral.

As disciplinas são abordadas a partir de eixos temáticos, definidos com a participação d@s educador@s, educand@s, do Sintraf e demais atores e atrizes envolvid@s na construção do Tecendo Sonhos. Acredita-se que essa metodologia de relacionar o conteúdo da disciplina a um eixo temático que faça parte do cotidiano d@ educand@ propicia um processo de reflexão sobre a realidade e formas de intervir nela, buscando não somente a absorção de conteúdo para realização do vestibular. Um exemplo é: quando o eixo temático foi *Agroecologia*, procurou-se trabalhá-la em Biologia (doenças relacionadas ao uso de agrotóxicos); Geografia (conflitos agrários e matrizes produtivas); História (histórico da estrutura fundiária no Brasil); Matemática (mensuração de terras e unidades de medida para compostos); Química (reações químicas no processo de compostagem), entre outros assuntos abordados nas outras disciplinas. Em um processo que busca ser interdisciplinar e contextual, @ estudante passa a ter uma noção mais qualificada do todo, entendendo-o a partir da complexidade inerente à realidade para além das paredes da sala de aula.

[...] os encontros servem como uma orientação, com relação ao conteúdo. Os encontros são estruturados em eixos temáticos. Por exemplo, esse encontro vai ser sobre habitação, aí todas as disciplinas tentam “casar” os conteúdos com esse tema. A Geografia trabalhava os espaços, a História, a questão das construções. Mais ou menos nesse sentido da interdisciplinaridade. Então, a partir desses estudos, a gente direcionava nossos estudos em grupo. [...] e as possíveis dúvidas a gente tirava no próximo encontro (LEANDRO *apud* LOURES, 2011, p. 11).

Na proposta de discutir formas alternativas de cultivo, a relação com a terra e os próprios hábitos alimentares, levando em conta a procedência dos alimentos, são realizadas visitas às propriedades de agricultor@s familiares que, há algum tempo, vêm trabalhando dentro das relações agroecológicas. Ainda no tocante à alimentação, durante os encontros são privilegiados os princípios da economia popular solidária, e @s própri@s educand@s ficam incumbid@s pelos alimentos que irão ser consumidos nas refeições, que, em muitos casos, são produzidos de forma agroecológica. Nesse sentido, cada um/uma traz o que é produzido pela sua família. Além disso, durante os módulos, a participação da família d@s educand@s é fundamental, pois contribui para o preparo das refeições no decorrer dos encontros. É acordado entre @s educand@s que, em cada módulo, duas pessoas vão contribuir com o preparo das refeições e



conhecer melhor o curso Tecendo Sonhos. A limpeza durante cada encontro é feita pel@s própri@s educand@s.

@s educador@s que contribuem para o projeto são de Espera Feliz ou municípios vizinhos, estudantes de graduação ou já graduad@s. Não há remuneração pelas aulas, e se procura fazer um trabalho com @s educador@s em que suas práticas não fiquem entendidas apenas como voluntarismo. Dessa forma, são convidad@s a participar de espaços de formação, onde se aprofundam os estudos sobre a educação popular, para que de maneira coletiva @s educador@s compreendam o que representa politicamente um curso pré-vestibular nesses moldes.

@s educand@s buscam se organizar em grupos de estudo, levando em consideração os laços de proximidade entre el@s, como, por exemplo, morar na mesma comunidade. Essa iniciativa almeja potencializar encontros para estudos e discussões nos intervalos entre os módulos, tendo em vista que acontecem em uma alternância mensal.

No decorrer do ano, @s educand@s são convidad@s a participar da Semana de Vivência Universitária. Conforme explicitado no próprio projeto:

Como parte deste projeto, serão realizadas vivências dos jovens filhos de agricultores na UFV, como um instrumento que possibilita a aproximação da universidade e do contexto rural e a desmistificação do espaço acadêmico universitário como algo inacessível aos jovens do campo. Essas vivências têm como objetivo que os jovens participem da dinâmica da universidade, assistam aulas, visitem projetos, conheçam espaços, cursos e grupos da universidade, vivendo alguns dias com estudantes da UFV. Enfim, espera-se que essas vivências possibilitem uma maior compreensão do contexto universitário e a reflexão sobre as próprias perspectivas desses jovens (PROJETO PIBEX, 2012).

Essa vivência é realizada na UFV, onde @s educand@s passam uma semana na casa de estudantes de graduação acompanhando a sua rotina, além de participarem de algumas atividades propostas pel@s estudantes que constroem a vivência. Também durante essa semana, @s educand@s assistem a algumas aulas nos cursos de graduação de acordo com seus interesses. Além do previsto, a vivência proporciona aos/às estudantes uma rede de conhecimentos e pessoas que lhes propicia maior capacidade de se localizar — no sentido tanto da localização espacial como da localização enquanto sujeit@s da própria história — dentro da universidade.

Segundo Leandro, ao ingressar na UFV já sabia “se virar bem” na universidade, pois participara da chamada Semana de Vivência, promovida pelo Cursinho, nos anos de 2008 e 2009, em que também conheceria conheceu várias pessoas que já estavam na universidade. O mesmo é percebido na fala de Paulo Junior: “o que fez diferença pra mim mesmo, de querer vir pra cá, foi a [Semana de] Vivência, em 2008, setembro de 2008, a



gente veio pra cá e ficou uma semana [...] E, quando eu cheguei aqui em Viçosa, em fevereiro de 2009, foi muito tranquilo assim, né, porque, em função da rede que já tinha sido construída durante a Vivência, a gente já tinha conhecido muitas pessoas. Igual, muita gente quando chega aqui na universidade, que não tem casa, lugar e tal, às vezes vai pra ficar no Hilton, né, lá no porão do Centro de Vivência [...], e já contava com o Vladi. O Vladi foi o bolsista-calouro do cursinho de Espera Feliz em 2008. Fiquei lá uns dias, aí depois vim pro Hilton mesmo, até como forma de pressionar a universidade para liberar a nossa bolsa mais depressa, né” (LEANDRO & PAULO JUNIOR *apud* LOURES, 2011, p. 12)⁵.

Analisando a conjuntura até aqui, vê-se que a experiência em parte tem solucionado o primeiro problema — o baixo nível de escolaridade dos jovens e, conseqüentemente, o acesso ao Ensino Superior e a permanência na universidade —, que norteou o surgimento deste trabalho. Mas e a segunda questão, o problema do êxodo rural? Como uma experiência que “retira” os jovens de seu local de origem contribui para a sua permanência no campo e para a melhoria da comunidade?

Para responder tal questão, faz-se necessário entender o processo de (1) inclusão/inserção pelo qual passam @s educand@s que ingressam na universidade, especialmente o caso dos que ingressam na UFV, além de discutirmos (2) a questão da disputa pelo poder nos seus mais diversos âmbitos e (3) o paradigma de conhecimento no qual se assenta a cosmovisão hegemônica.

Sobre o primeiro ponto, é necessário compreender a parceria estabelecida entre o Tecendo Sonhos e o Programa de Extensão Universitária Teia.

[...] o Teia assume uma dupla função. Por um lado, auxilia no contato do aluno com a universidade, desconstruindo um distanciamento que o impediria de tentar e desenvolvendo sua capacidade para se inserir na universidade. Por outro, apoia o aluno imediatamente após sua entrada na universidade, seja pelos laços constituídos, que reduzem o estranhamento em torno deste espaço e o insere em um contexto de atividades nas quais os alunos já têm alguma experiência, legitimando, assim, seus saberes. (LOURES 2011, p. 13).

Como demonstrado, no Tecendo Sonhos, existe uma dupla função do fazer pedagógico: preparar os sujeitos para a prova necessária para o ingresso na universidade ao mesmo tempo que propiciar a formação crítica. O Teia, que se baseia nos princípios da Agroecologia, Economia Popular Solidária, Educação Popular, Cultura, Tecnologia Social, Saúde Integral e Gênero, dá continuidade a esse processo, permitindo agora o

⁵ Vale ressaltar que, por cumprir o caráter de “propiciar o vivenciar o cotidiano universitário”, para além de possibilitar de imediato a inserção d@s educand@s nesse espaço de conflitos que é a academia e o contato com os vários projetos ligados ao Programa Teia, a vivência possibilita, a partir da experiência, que ess@s educand@s tomem suas decisões acerca da sua entrada ou não na universidade. Alguns/algumas estudantes, por exemplo, optam por não seguir esse caminho e permanecer nas suas comunidades após haverem vivenciado a vivência.



diálogo dess@ estudante com a universidade, mas ao mesmo tempo permitindo um ambiente para práticas que a estrutura tradicional do modelo de ensino vigente não contempla. Tais práticas assentam-se, sobretudo, na lógica da autonomia (FREIRE, 1978; 1996) e da ecologia de saberes (SANTOS, 2006).

Como expressa Taís, estudante de Cooperativismo:

Quem tá dentro do Teia é muito mais ativo, participa de muito, muitas atividades, assim, extracurriculares, né?! Movimento estudantil... mesmo os projetos, assim, acaba se inserindo em vários espaços diferentes. Participa de eventos, quem nem a Troca de Saberes, o Fopir, o Terreiro Cultural, são coisas que quem tá, assim, de casa para biblioteca para sala de aula, acaba que não tem essas experiências, né? (TAÍS *apud* LOURES, 2011, p. 15)⁶.

A obra de Boaventura de Sousa Santos (2006) nos proporciona elementos fundamentais para pensarmos os dois outros pontos. Como dito anteriormente, além de marginalizad@s pelo governo — que privilegia a lógica do agronegócio —, @s agricultor@s eram e ainda são estereotipad@s pela sociedade como frac@s e atrasad@s, ou seja, são produzid@s como *não existência*⁷ (SANTOS, 2006).

Partindo, portanto, desse pressuposto de que o que não existe é, na verdade, construído ativamente como tal, Santos propõe-nos um procedimento que ele nomeou *sociologia das ausências e sociologia das emergências*, que proporciona a ampliação do mundo e a dilatação do presente. Nessa sua sociologia, a ecologia de saberes é que deve ser evidenciada em detrimento da monocultura do saber e do rigor científico:

[...] a lógica da monocultura do saber e do rigor científicos tem de ser questionada pela identificação de outros saberes e de outros critérios de rigor que operam credivelmente em contextos e práticas sociais declarados não existentes pela razão metonímica. Essa credibilidade contextual deve ser considerada suficiente para que o saber em causa tenha legitimidade para participar de debates epistemológicos com outros saberes, nomeadamente com o saber científico. A ideia central da sociologia das ausências neste domínio é que não há ignorância em geral nem saber em geral. Toda a ignorância é ignorante de um certo saber, e todo o saber é a superação de uma ignorância particular. [...] a sociologia das ausências visa substituir a monocultura do saber científico por uma ecologia de saberes (SANTOS, 2006, p. 790).

⁶ Cabe ressaltar que a percepção descrita contempla a maioria d@s ingress@s, porém, não são tod@s que se envolvem com as atividades, ou seja, nem tod@s passam a integrar o ambiente do Teia, o que evidencia o próprio aspecto da autonomia e da escolha de cada sujeito.

⁷ Santos aponta cinco formas sociais de não existência produzidas ou legitimadas pela *razão metonímica* [razão obcecada pela ideia de totalidade sob a forma da ordem, sendo o todo, na verdade, uma das partes transformada em termo de referência para as demais; uma compreensão ocidental do mundo]: o ignorante, o residual, o inferior, o local e o improdutivo.



Para a efetivação de tal expansão do domínio das experiências sociais disponíveis e possíveis, o autor propõe o trabalho de tradução⁸, procedimento que possibilita a criação de inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo. Esse trabalho procura captar dois momentos: a relação hegemônica entre as experiências e o que nelas está para além dessa relação. Sendo assim, o que não existia passa a existir e a ser colocado como experiência disponível e possível para o debate sobre o (des)envolvimento.

O cursinho popular de Espera Feliz, ao trabalhar com metodologias de educação popular, visa justamente o processo de inclusão social, baseando-se nesse trabalho de tradução, que ressignifica o que antes gerava falta de perspectivas — o pertencer a uma experiência (o ambiente rural, voltado para a agricultura familiar) que não era legitimada pela cosmovisão hegemônica, ou seja, que era produzida como não existente. O Teia dá continuidade a esse trabalho. O retorno, portanto, d@ educand@, que não necessariamente é “factual”, parte dessa legitimidade que emerge. Surge dessa relação um engajamento, um desejo pela organização para a mudança e pela participação nas decisões. O sujeito emancipado vê-se como responsável pela própria história e pela história da sua comunidade.

O Tecendo Sonhos, ao incluir estudantes com poucas possibilidades de acesso ao Ensino Superior, promove a qualificação profissional ao inseri-l@s num curso superior, permitindo, assim, novas modalidades de geração de trabalho e renda na sua comunidade a partir da construção de relações e formas de (des)envolvimento do campo, baseadas nos princípios da Agroecologia e da economia popular solidária.

Considerações finais

Como visto, a construção de um cursinho popular representa mais uma possibilidade de envolvimento d@s jovens e reafirmação da importância de est@s permanecerem no meio rural — através da sua ressignificação, que lhe garante legitimidade frente ao discurso gerador da não existência —, fazendo um movimento contrário à tendência de evasão verificada na juventude do campo hoje. E vai além. A educação — e, em especial, a educação do campo — é um instrumento de luta na efetivação de uma nova realidade. A inserção d@s jovens na universidade ou apenas o

⁸ Santos fala de dois tipos de tradução, a *tradução entre saberes* que consiste no trabalho de interpretação entre duas ou mais culturas com vista a identificar preocupações que assumem formas idênticas entre elas e as diferentes respostas que fornecem para elas, e; a *tradução entre práticas sociais e seus agentes* que visa criar inteligibilidade recíproca entre formas de organização e entre objetivos de ação.



processo de construção de conhecimentos em ações pedagógicas do cursinho popular — que não serão restritos aos conteúdos do vestibular e Enem — possibilitam a ampliação dos espaços dess@s jovens e comunidades rurais, que passaram a estabelecer um maior diálogo com outros espaços de saberes e construção de conhecimentos, buscando, sempre, a sua valorização e a criação de novas relações e formas de (des)envolvimento do campo, baseados nos princípios da Agroecologia e da economia popular solidária.

Bibliografia

ABA-Agroecologia. 3ª Convocatória para este I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia – Construindo Princípios e Diretrizes. Recife: 2013.

AMORIM, Paulo César Gomes; LOPES, Leandro de Souza. Curso Pré-Vestibular Popular de Jovens do Campo: Tecendo Sonhos. In: **Cadernos de Agroecologia**. Fortaleza, n. 2, p. 1-3, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.aba-agroecologia.org.br/ojs2/index.php/cad/article/view/11194>>. Acesso em: 20 maio 2013.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/Dater-IICA, 2004, 24 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, 220 p.

_____. **Extensão ou comunicação?**: trad: Rosiska Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, 93p.

_____. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996, 92 p.

LOURES, Marcelo *et. al.* **Programa de Extensão Teia/UFV: Formação universitária para uma ecologia de saberes**. Viçosa: 2011.

PEREIRA, Thiago Ingrassia *et. al.* A luta pela democratização do acesso ao Ensino Superior: O caso dos cursinhos populares. In: **Revista Espaço Pedagógico**. Passo Fundo, n. 1, p. 86-96, jan/jun. 2010. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rep/article/view/2029>>. Acesso em: 20 maio 2013.

PROJETO PIBEX. **Cursinho Pré-Enem de Educação Popular do Campo em Espera Feliz-MG**. Viçosa: 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Universidade do Século XXI**. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: _____ (org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as ciências revisitado. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 777-821.

SILVA, M. G. & DIAS, M. M. Organização política, agricultura familiar e estratégias de (des)envolvimento local: o caso de Espera Feliz-MG. Viçosa: 2009. Textos em discussão de extensão rural (Mestrado em Extensão Rural) – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, 19 p. Disponível em: <http://www.fbes.org.br/biblioteca22/artigo_marcio_mina.pdf>. Acesso em: 20 maio 2013.



Figura 1 – Encontro de Sensibilização do Tecendo Sonhos 2013 com educand@s e educador@s no Centro de Formação do Sintraf de Espera Feliz.



Figura 2 – Vivência Universitária 2012 – Campus da UFV.



Figura 3 – Vivência Universitária 2012 – Área experimental do Grupo de Agroecologia e Agricultura Orgânica (GAO), o MataGAO. Campus da UFV.